

TRICIA LEVENSELLER

A
ESCURIDÃO
DENTRO
DE NÓS



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

TRICIA LEVENSELLER

A
ESCURIDÃO
DENTRO
DE NÓS

tradução
Débora Isidoro



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO: VENDA PROIBIDA.

Copyright © Tricia Levenseller, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Débora Isidoro, 2025
Publicado mediante acordo com Feiwei and Friends,
um selo da Macmillan Publishing Group, LLC
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Darkness Within Us*

Preparação: Lígia Alves
Revisão: Wélida Muniz e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Liz Dresner e Meg Sayre
Imagem de capa: Shane Rebenschied
Adaptação de capa: Sandra Fava

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Levenseller, Tricia

A escuridão dentro de nós / Tricia Levenseller; tradução de
Débora Isidoro. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.
288 p.

ISBN 978-85-422-3837-2

Título original: *The Darkness Within Us*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

25-3904

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



CAPÍTULO

1

MEU MARIDO ESTÁ DEMORANDO DEMAIS PARA MORRER.

Permaneço sentada ao lado de sua cama, sempre a esposa obediente, acompanhando a respiração ofegante que sai do peito dele com dificuldade, torcendo para cada suspiro ser o último.

Pelos deuses, o homem está chegando aos sessenta e quatro anos. É atormentado por todo tipo de doença, consequência de uma vida de depravação, vícios e sabe lá o diabo o que mais. Mas Hadrian Demos, o Duque de Pholios, se agarra à vida como se ela ainda tivesse alguma coisa a oferecer a ele – um velho devasso, acamado, para quem nada mais acontece além da visão do meu rosto dia após dia.

Pholios se mexe como se meus pensamentos o despertassem, e me viro para verificar se Kyros ainda está no quarto, antes de empurrar minha cadeira alguns centímetros para trás. Baixo o olhar e espero.

– Chrysantha – o velho geme.

– Estou aqui, marido. – Seguro sua mão cheia de manchas e pelos e a mantenho entre as minhas.

– Você está linda hoje – ele diz.

– Obrigada.

Consigo não revirar os olhos, porque é assim que ele me cumprimenta todas as manhãs, como se me fazer elogios fosse garantir o que ele realmente quer de mim, a esposa de dezenove anos.

Philos estala os lábios.

– Água.

Eu me viro para a jarra sobre a mesa de cabeceira e descubro que está vazia.



— Deve ter sentido muita sede à noite, Vossa Graça — comento. — Vou buscar mais.

— Kyros pode cuidar disso.

Os pelos em minha nuca ficam em pé, e me obrigo a manter a máscara de indiferença. Viver com o duque sempre me dá a sensação de ter uma faixa de ferro em torno dos pulmões. Ela aperta no momento em que percebo que vou ficar sozinha com ele.

Kyros, o laçao jovem e bonito, olha para mim. Piedade e tristeza transbordam dele, mas assinto sutilmente, incentivando-o a ir buscar a água. A última coisa que quero é que meu amigo seja demitido por não cumprir ordens.

— Agora mesmo, Vossa Graça — ele diz. — Volto logo. — O último aviso é para mim.

No momento em que ele sai da luxuosa suíte master da Mansão Pholios, meu marido puxa a mão das minhas e tenta apalpar meus seios.

Acostumada há muito tempo com as táticas do duque, eu me levanto e me viro para escapar, mas não com rapidez suficiente. Ele dá um tapa no meu traseiro antes que eu saia de seu alcance. Mantenho o olhar voltado para o chão.

Essa é a melhor estratégia para esconder o que realmente penso.

— Quer que eu leia para você?

Pholios grunhe, aborrecido.

— Não. Chega de livros. Volte aqui.

— Chegar com os livros, você disse? Vou escolher um. — Caminho para o outro lado do quarto, onde uma fileira de prateleiras decora a parede.

— Sua tonta detestável — diz Pholios. — Paguei sete mil necos ao seu pai por você. Que desperdício.

— Sinto muito, marido. — A faixa aperta um pouco mais.

— Não quero que lamente. Quero que levante essas saias e venha para a cama cumprir seu dever de esposa.

Um dever que ele não tem sido capaz de me obrigar a cumprir, graças à sua enfermidade.

— Que dever pode ser mais importante do que cuidar de meu marido? — pergunto.

Ele não me acha espirituosa. Ninguém acha. Trabalhei muito e me esforcei para garantir a reputação de simplória. Isso me salvou mais vezes do que consigo contar. Foi assim que manipulei meu pai para me casar com um duque rico à beira da morte. Ah, se eu soubesse em que estava me metendo.

Pholios só revelou sua verdadeira natureza depois que nos casamos. Pensei que ele só quisesse uma companheira, alguém que ficasse ao lado de seu leito de morte até que fosse se juntar aos demônios em um de seus infernos.

— Seus deveres *noturnos* — o duque esclarece.

— É dia, marido.

— Eu sei! — Sua tosse ecoa no quarto, e eu a ignoro enquanto olho sem pressa para as fileiras de livros. Já sei qual vou escolher, mas não estou com pressa de me aproximar dele de novo. Não antes de Kyros voltar ao quarto.

Pholios pode ser uma criatura imunda, mas ele gosta de preservar as aparências na frente dos empregados. Ou sabe que o que está fazendo é errado e quer proteger sua reputação, ou então acha que os assuntos de alcova devem ser mantidos na esfera privada. De qualquer maneira, quando há outras pessoas por perto, ele controla as mãos, embora Kyros já tenha interrompido muitas ocorrências impróprias. Fui agarrada, beliscada, estapeada e apalpada mais vezes do que consigo contar nos últimos dois meses da minha vida, desde que me casei.

Mas tudo isso vai valer a pena assim que Pholios estiver morto. O duque não tem filhos, nem parentes para herdar o título, o que significa que, depois de sua morte, tudo será meu. A mansão, o ducado, os empregados, o *dinheiro*. Tudo meu para usar como quiser, e nenhum homem nunca mais vai poder decidir meu destino de novo. Serei uma duquesa viúva para sempre.

Livre para sempre.

O futuro está tão próximo que posso sentir seu sabor. Só mais algumas semanas. Um mês, no máximo. Pholios não pode ter muito mais tempo de vida.

Então não vou mais ter que esconder quem sou de verdade.

Quando ouço os passos leves de Kyros voltando, escolho o livro de poesia na prateleira. O lacaio parece aliviado ao me ver do outro lado do quarto. Sua compaixão é desnecessária — consigo lidar com o velho —, mas é amável, mesmo assim. Volto à minha cadeira enquanto Kyros ajuda o duque a beber um pouco de água. Pholios quase engasga quando lê o título do volume que peguei.

— Não — ele diz. — Odeio poesia.

E foi exatamente por isso que escolhi esse livro.

— Vai esvaziar sua cabeça, Vossa Graça. Poesia dá vida à alma.

Ele resmunga um pouco, mas se cala quando começo a ler. Acho que gosta do som da minha voz, embora olhe para o meu peito enquanto leio, então levanto um pouco mais o livro. Depois de uns dez minutos, os roncões de Pholios voltam a dominar o quarto.



— Tudo bem, Vossa Graça? — Kyros me pergunta, em voz baixa para não acordar o duque.

— Na medida do possível, Kyros, e você? — Fecho o livro e me viro na cadeira para olhar para ele. É bonito, mesmo de uniforme. Ele usa a camisa branca tradicional, calça justa, luvas e botas. Está sempre limpo e impecável, com a melhor postura. O queixo forte é marcado por uma covinha bem no meio, e os olhos verdes estão sempre brilhando. O comprimento do cabelo, sempre penteado para trás, ultrapassa as orelhas, e o corpo forte envergonha muitos outros lacaios.

Dia após dia, somos só eu e Kyros dentro desta suíte, cuidando de todas as necessidades do duque. De vez em quando, o filho pequeno de Kyros aparece, desesperado para mostrar os sapos que pegou no lago da propriedade ou as pedras que encontrou no bosque. O menino sabe que deve ficar quieto caso o duque esteja dormindo, e chama nossa atenção com cuidado, nos levando para fora do quarto para exibir seus tesouros durante uns poucos e breves momentos.

Eu sempre aproveito a oportunidade.

— Muito bem, Vossa Graça. — Educado, Kyros não menciona meu casamento com o duque e as coisas a que sou submetida. É sensato o bastante para saber que não quero falar sobre tamanha humilhação. — Nico aprendeu uma palavra nova esta manhã — ele conta, tentando conduzir a conversa para assuntos mais leves.

Sorrio.

— Qual palavra?

— *Indignado*.

— Uma palavra muito grande para uma criança de quatro anos.

— Não o deixe ouvir isso. Ele tem quatro anos e meio, nem um dia a menos.

No tempo que passávamos juntos neste quarto, eu havia aprendido muito sobre Kyros e seu passado. Ele teve um filho aos dezessete anos. Não se casou com a mãe do bebê, que quando engravidou deixou bem claro que não tinha o menor interesse em criar uma criança. Embora a lei não exija esse tipo de coisa de homens solteiros, Kyros assumiu sozinho o papel de pai.

— Onde está Nico? — pergunto.

— Na cozinha, ajudando a cozinheira. Você sabe que ele adora doce.

— Vou ter que procurá-lo mais tarde. Quero muito saber como ele encaixa *indignado* em uma frase.

Doran, outro laçao, entra no quarto carregando uma bandeja com uma carta.

— Carta para você, duquesa — ele diz em voz alta, e Pholios acorda novamente. Gostaria de advertir o homem, mas olho para ele com um sorriso pálido.

— Obrigada, Doran — respondo, e me levanto para pegar o pergaminho dobrado.

— Vou tomar café da manhã agora, Kyros. Vá buscar — diz o duque, mais uma vez alerta.

Tenho certeza de que os dois criados deixam o quarto, mas não vejo nada. Estou ocupada demais estudando a caligrafia da carta.

É da minha irmã.

Alessandra nunca escreve para mim. Eu raramente escrevo para ela — só quando quero me divertir a atormentando. Ela me considera uma idiota vaidosa, o que acho ainda mais divertido. Alessandra sempre foi muito óbvia sobre o que quer e como vai conseguir alcançar o objetivo. No momento, ela está tentando conquistar o Rei das Sombras.

Rio baixinho. Se ele não me quis, certamente não vai querer minha irmã. Não é questão de vaidade. Posso ter herdado a aparência de nossa mãe, mas não é isso que importa. Um rosto bonito só nos leva até certo ponto. O mais importante é que sou uma boa atriz. Consigo fingir que sou o que os homens querem. E descobri que o que os homens mais querem é alguém que eles pensam que podem controlar. Então, finjo ser dócil. Finjo ser obediente. Quando os homens acreditam que podem controlar uma mulher, não a observam com muita atenção. Quando pensam que a mulher é burra, não são muito cuidadosos com as coisas que falam na frente dela.

Mas Alessandra? Sempre sei o que ela está pensando. Embora admita que nunca a considere capaz de cometer assassinato. Quando a verdade do que aconteceu com seu primeiro amante veio à tona, fui pega de surpresa. E mais chocante ainda foi o perdão imediato que o rei concedeu a ela.

A culpa por não sermos muito próximas é minha. Sempre competimos pela atenção de nosso pai. O mundo dele girava em torno de minha mãe, mas, quando ela morreu e nos deixou, eu com doze anos e Alessandra com onze, eu soube que o amor dele seria transferido para minha irmã ou para mim. Só havia espaço no coração dele para uma mulher de cada vez, e eu o conquistei antes de Alessandra ter tempo para entender o que estava acontecendo. Ela teria feito a mesma coisa, se pudesse.

Vivemos em um mundo em que os homens decidem tudo. Onde moramos. Como ganhamos dinheiro. Com quem nos casamos. Eu sabia que minha maior chance de conquistar a felicidade era controlando meu pai. Era ela ou eu.

Eu me escolhi.

Às vezes, me sentia um pouco culpada, mas isso não vai ter a menor importância quando eu finalmente tiver o que quero. Quando for rica e não tiver obrigações com homem nenhum, vou poder fazer o que quiser, inclusive cultivar uma amizade com minha irmã, se desejar.

Desdobro a carta e a leio:

Querida Chrysantha:

Eu quis mandar um convite pessoal para o meu casamento. Kallias e eu vamos nos casar em seis meses. Minha coroação acontecerá no mesmo dia, logo depois da cerimônia de matrimônio.

Você virá, não? Ou está ocupada demais bancando a enfermeira do seu marido enrugado? Certamente pode dispor de algum tempo para o melhor dia da vida de sua irmã? Mandê sua resposta depressa e eu reservo para você um assento na primeira fileira para assistir ao casamento desta leviana com o Rei das Sombras.

*Tudo de bom,
Alessandra*

Há um retumbar dentro do meu ouvido, e só percebo tarde demais que amassei a carta.

O rei.

Minha irmã caçula vai se casar com o maldito rei.

Ele não me quis, mas ele a quer. *Ela!* A assassina.

Passei todo esse tempo tramando, planejando, tentando conquistar alguma coisa. Fui molestada, degradada, verbalmente agredida dia após dia, e para quê? Até agora não consegui nada.

Enquanto isso, Alessandra se deitou com tantos homens que perdi as contas. No passado, eu a chamei de coisa muito pior que leviana. Era meu jeito de lhe dizer para ser cautelosa. Ela precisava cuidar de sua reputação se quisesse ter um bom futuro. E isso me fazia sentir melhor quando a inveja por ela ter companhia enquanto eu lutava sozinha por minha sobrevivência quase me dominava. Porque eu achava que, se ela continuasse a se comportar daquela maneira, eu não conseguiria me casar com um homem rico.

Mas ela conquistou um *rei*. Vai se tornar uma *rainha* de verdade. Vai ter recursos indizíveis, dinheiro, *tudo*. Ninguém jamais tocará nela, não enquanto for casada com o homem mais poderoso do mundo.

Minha temperatura sobe, e o mundo se tinge de vermelho.

Ela venceu.

Como pode ter vencido? Ela não fez nada! Não lutou por isso. Ela nem sabia que estávamos jogando o mesmo jogo, e como, como, como, maldição?

Enquanto refletia, nervosa, não percebi que tinha me aproximado da cama. Pholios ataca como uma cobra, agarra meu quadril por cima do vestido e tenta me puxar.

Furiosa, bato na mão dele sem pensar.

O duque e eu ficamos paralisados.

– Você acabou de me bater? – ele pergunta.

– Senti coceira, Vossa Graça.

Ele grunhe e tem a audácia de parecer ofendido, mas percebo que um mau pensamento criou raízes em sua cabeça quando ele sorri.

– Aproxime-se, esposa, e eu a perdoo.

– Aproximar-me? – pergunto.

– Sim, quero que se debruce na cama. Meu cobertor saiu do lugar do outro lado do colchão. Você precisa arrumá-lo.

Meu rosto é uma máscara de coisa nenhuma, e minha alma queima. Estou presa nesta casa há muito tempo, presa neste quarto com o duque olhando para mim e lambendo os lábios enquanto tenta me convencer a chegar perto dele. Enquanto isso, minha irmã vive uma vida de luxo, perfeição e liberdade. Nos braços do maldito Rei das Sombras. Não consegui seduzi-lo durante minha estadia no palácio, então decidi me conformar com a segunda opção.

Não vou mais me conformar.

A faixa de ferro em torno dos meus pulmões se rompe. Meu cérebro desliga do resto do corpo, e minhas pernas se movem sem que eu dê a ordem consciente.

Faço o que o duque pediu mais cedo. Levanto as saias e me sento em cima dele. Ele arregala os olhos antes de ter o bom senso de estender as mãos e me segurar pela cintura. Tenta me colocar na posição que deseja; depois, faz um grande esforço para empurrar o quadril contra o meu corpo, com camadas e mais camadas de roupas, lençóis e cobertores nos separando, felizmente.

Mas meu foco está no travesseiro extra ao lado da cabeça dele. Eu me inclino para pegá-lo, e os dedos de Pholios se movem para encontrar meus seios. A pressão é dolorosa, mas não endireito as costas até pegar o travesseiro. Mesmo depois de pegá-lo, só me movo para ajustar a posição.

Eu o sufoco com o travesseiro de penas.

O que começava a ficar duro embaixo de mim amolece. Os gritos desesperados de Pholios são engolidos pelo travesseiro, e seu corpo frágil quase nem se move sob o meu. Suas mãos abandonam meu peito, finalmente, e tentam segurar meus braços, tentam afastá-los.

Não diminuo a pressão.

— Não era isso que queria, marido? Finalmente sou boa para alguma coisa agora?

Se Alessandra pode ter tudo que quer apesar de ter matado um homem, por que eu não posso? O rosto dela surge em minha cabeça, e fecho os olhos para não vê-lo, fecho os olhos para não me lembrar de cada coisa imunda que esse homem já fez comigo.

Nunca mais.

Mesmo quando sua resistência patética chega ao fim, não me levanto. Continuo sentada sobre meu marido morto, perdida em uma espécie de limbo sombrio entre o antes e o depois.

Antes, eu não era uma pessoa violenta. Antes, era a personificação da paciência.

Agora, sou livre. Agora, posso ser o que eu quiser.

Começando por assassina, como minha irmã. Desci ao nível dela. O pensamento finalmente me faz entrar em ação. Eu me endireito, devolvo o travesseiro ao lugar e ajeito o cabelo do duque. Ele parece muito tranquilo na morte.

Espero que não encontre paz no lugar para onde acabei de mandá-lo.

Quando volto à minha cadeira, percebo uma silhueta na porta. Nico, o filho de Kyros, está lá parado com o queixo coberto de migalhas.

Ele olha para mim e para o duque.

Paro de respirar.





CAPÍTULO

2

NICO LEVA O DEDO AOS LÁBIOS, O SINAL QUE COSTUMO FAZER PARA ELE QUANDO o duque está dormindo. Relaxo instantaneamente. É claro que ele não pensa nada diferente.

Ele sussurra:

— Você não me pega, duquesa. — E sai correndo.

Vou atrás dele.

— Você foi me chamar com a boca suja de migalhas e não trouxe doces para dividir comigo? — falo enquanto o persigo.

Nico grita e ri. Ele é surpreendentemente rápido para alguém tão pequeno. Escorrega pelo corrimão da escada, enquanto eu tenho de descer devagar, por causa do peso das saias. Quando chego ao chão, volto a correr e consigo, enfim, me aproximar do menino. Ele balança os bracinhos, e, pouco antes de eu conseguir pegá-lo, Kyros vira a esquina com a bandeja do café da manhã do duque.

Pego Nico no colo e o giro no ar. Sua risada deixa meu coração mais leve, e faço cócegas em sua barriga com uma das mãos, antes de colocá-lo de volta no chão. Sua risada é perfeita nesta grande mansão. Finalmente, a casa é um lugar onde todos podemos ser felizes. O duque está morto.

Morto.

Morto.

Morto.

Acho que não existe uma palavra mais doce.

— O que vocês dois estão aprontando? — pergunta Kyros.

— Pai, a duquesa ficou indignada porque não levei pão doce para dividir com ela.

— Eu também teria feito cócegas na sua barriga por esse esquecimento — Kyros declara.

— Vou pegar mais para todos nós! — Nico corre para a cozinha.

Kyros vê a criança se afastar correndo, e seus olhos transbordam amor.

— É melhor voltarmos depressa, antes que o duque fique irritado, Vossa Graça.

— Ele dormiu de novo — respondo. — Por isso aproveitei para escapar por um momento.

Kyros assente, compreensivo, e voltamos juntos à suíte master.

Apenas horas mais tarde alguém percebe que ele não está respirando.



Nos dias seguintes, nada de mau acontece. Ninguém suspeita de nada. O homem estava morrendo, de um jeito ou de outro. Por que desconfiar de que não foi uma morte natural? Além disso, todo mundo me considera burra demais até para conceber um homicídio. Eu garanti que fosse assim.

Visto preto para o funeral, consigo derramar lágrimas falsas por Pholios, mantenho o rosto escondido no lenço de seda preta que ganhei do homem morto, e que tem nossas iniciais bordadas. Meu pai me conforta e traz flores; ele chega a perguntar se pode fazer alguma coisa para ajudar a administrar a propriedade. Está muito satisfeito comigo, já que o preço que o duque pagou pela minha mão o salvou da ruína. Meu pai pode ser um conde, mas estava falido. *Eu* estava falida antes de me casar com Pholios.

Agora a fortuna dele é minha, posso fazer o que quiser com ela. Nenhum homem pode me dizer como devo gastar esse dinheiro. Nem meu pai.

Eu consegui.

Alcansei o que pouquíssimas mulheres conquistam.

Liberdade verdadeira.

A primeira coisa que decido fazer com esse bem precioso é conhecer a propriedade e meus empregados. Pholios nunca me deixava sair de perto dele. Eu tinha de fazer todas as refeições ao lado de sua cama. Tinha de estar lá quando ele acordava e continuar lá até bem depois de ele dormir. O duque mencionou muitas vezes que me faria valer o dinheiro que havia gastado em mim. Eu era sua propriedade, dizia.

No fim, acho que ele entendeu que estava tremendamente enganado sobre quem tinha controle sobre quem.

— Vossa Graça, é muito bom revê-la — diz a sra. Lagos, a governanta, quando me encontra no salão.

Só a vi algumas vezes desde que pus os pés nesta mansão pavorosa, quando toda a criadagem me recebeu na porta como a nova senhora do lugar.

A sra. Lagos é tão formidável quanto um gatinho, com seu metro e meio de altura, mas que os deuses ajudem quem ousar refutar sua afirmação de que tem um metro e cinquenta e dois (ouvi uma conversa especialmente terrível sobre isso). Seu cabelo é negro como a noite, a pele é branca como marfim. Com olhos ovais e nenhuma ruga à vista, é impossível adivinhar sua idade, e não me atrevo a perguntar para ela.

— Igualmente, sra. Lagos. Obrigada por vir me encontrar.

— Disponha. Como posso ajudá-la?

— Gostaria de fazer algumas mudanças na propriedade. Esperava que aceitasse me ajudar com isso.

— Certamente. Que mudanças?

Quero que todos os criados me adorem. Quero que eles me *queiram* como sua senhora. Essa é a melhor maneira de garantir uma transição tranquila, e não quero que ninguém questione o controle que tenho agora. Há um jeito muito simples de conseguir isso desde o início.

— Eu gostaria de dar um aumento de vinte por cento a todos os empregados.

A sra. Lagos olha para mim e pisca lentamente, como se não tivesse me ouvido bem. Depois sorri.

— Vamos nos dar muito bem, Vossa Graça.

— Excelente, porque tenho planos para uma grande reforma...

Primeiro, as coisas mais importantes: a suíte master. Ordeno que seja esvaziada. Cada objeto é levado para o depósito, desde a cama até as cortinas e o tapete. Decoro novamente o quarto para criar a impressão de que Pholios nunca esteve nele. Quero livrar o espaço de tudo que possa me lembrar dele.

Sempre gostei de cor-de-rosa, e encontro uma colcha para a cama em um tom delicioso de rosa fosco que chama minha atenção em uma loja. Todo o restante da decoração do quarto é escolhido para combinar com a colcha. Papel de parede branco com estampas de crisântemos espalhados ao acaso, uma alusão ao meu nome. Uma cama de dossel de carvalho branco com mosquitoireiro. Poltronas com filigranas douradas e almofadas brancas e fofas. Uma penteadeira de ébano pintado com puxadores de ouro. Mando pintar o teto com as cores do céu diurno e anjos de bochechas rosadas passeando entre as nuvens.

Enquanto isso é feito, a sra. Lagos prepara o restante da mansão para a reforma. Não quero nenhuma lembrança do homem horrível que um dia obscureceu esta casa, e ela se encarrega de remover todos os antigos quadros, vasos e outros bens da família Pholios e mandá-los para o sótão até que possam ser vendidos. Enquanto o período de um ano de luto imposto pela sociedade não chegar ao fim, não posso comparecer a eventos ou receber visitas sociais.

Mesmo assim, menos de uma semana depois do funeral, as cartas começam a chegar aos montes. Dou uma olhada rápida nelas antes de jogar todas em uma pilha ao lado da lareira.

Fiquei triste ao saber da morte de seu marido, Vossa Graça. Se precisar de conforto, espero que me procure.

Essa era do Conde de Barlas.

Não se permita permanecer na tristeza, Vossa Graça. É melhor olhar para o futuro com esperança. Posso visitá-la em breve?

Do Conde de Varela.

Eu a admiro de longe há muito tempo. Agora que é livre para escolher seu caminho, posso me incluir entre as opções?

Do Duque de Simos.

E, no meio de tudo, um trecho terrivelmente constrangedor que faz meu rosto corar.

Uma mulher na sua posição merece todos os prazeres que a vida tem a oferecer. Seja minha amante, Duquesa de Pholios, e a mantereí satisfeita.

Enviado pelo Barão de Moros, que já é casado.

Não serei amante de ninguém. Estou farta de homens me dizendo o que fazer, seja no quarto ou fora dele. A correspondência é ignorada, embora eu a leia de vez em quando, sempre que sinto necessidade de reencontrar o ânimo. É alimento para a autoestima, mesmo que as atenções sejam indesejadas.

Pelo menos as de homens poderosos.

Durante anos, sonhei com o dia em que seria eu a detentora do poder, livre para buscar os relacionamentos que escolher. Vivi sozinha toda a minha



vida, privada dos prazeres simples de uma companhia romântica como uma dama bem-nascida. No segundo em que o período de luto acabar, pretendo pôr fim a essa solidão.

Vou arranjar um amante.

Um homem bonito, pobre – mas habilidoso –, que me cubra de atenção, me ame e não queira nada de mim exceto os confortos terrenos que posso lhe oferecer.

Os homens têm amantes o tempo todo, e, sendo uma duquesa viúva, posso fazer a mesma coisa. Não é convencional, mas também não é algo que nunca tenha acontecido. Terei o poder e a posição para enfrentar qualquer escrutínio que receber como consequência disso. Além do mais, obviamente encontrarei alguém capaz de ser discreto.

Mas essa opção não existe pelos próximos onze meses e duas semanas. Nesse período, vou me concentrar em fazer novos amigos na mansão ou supervisionar as melhorias na propriedade. É possível ouvir operários martelando e serrando o dia todo. Pintores, carpinteiros e pedreiros entram e saem sob o olhar atento da sra. Lagos e de meus empregados. Vai demorar meses, talvez até anos, antes que tudo seja reformado, mas a demora não é inesperada, já que herdei uma propriedade que só é menor que o palácio real de Naxos.

O palácio de Alessandra.



Depois da sra. Lagos, é hora de conquistar a amizade dos lacaios. Kyros me apresenta o restante deles, e todos ficam muito animados quando descobrem que estou interessada em aprender um determinado jogo de cartas.

– Deve jogar uma carta mais alta, mas do mesmo naipe – Doran explica, enquanto Kyros olha por cima do meu ombro.

Pego uma rainha de rubis.

Kyros se abaixa e cochicha no meu ouvido.

– Essa, não. É alta demais. Melhor guardá-la. Jogue essa.

Ele põe o seis de rubis virado para cima sobre a mesa, superando o cinco jogado anteriormente na rodada.

– Acho que ela já entendeu – Plutus opina, de cara feia, quando cubro sua carta. – Pode parar de ajudar.

– Você não sabe perder – Kyros retruca. – Joga esse jogo há anos. Ela está aprendendo.

— Foi você quem a convidou. Se ela não consegue acompanhar, é problema dela. — Ao perceber o que tinha acabado de dizer, Plutus fica pálido.
— Perdoe-me, Vossa Graça, esqueci...

— Está tudo bem, Plutus. Se eu deixar as coisas um pouco mais interessantes, talvez seu humor melhore. — Tiro um necos do bolso e o coloco em cima da mesa.

— Não temos esse valor para apostar — Doran avisa, olhando para a moeda.

— Juguem com o que vocês têm, então. Não acabei de aumentar o salário de todo mundo? Ou estão com medo de que eu pegue todo o dinheiro de vocês?

Não ganhei nenhuma partida naquela noite, mas exijo uma revanche na noite seguinte.

Kyros e Nico me acompanham em piqueniques no gramado quando tem sol, quando o menino colhe flores do campo para mim, e Kyros e eu conversamos sobre tudo e nada. Nico me mostra as árvores em que mais gosta de subir, e mostro a ele quais frutas estão maduras e prontas para serem colhidas — assim como as plantas venenosas de que deve se manter afastado. Às vezes, dou aulas de piano ao garoto. Sempre gostei de tocar. Não economizei para modernizar o excelente instrumento.

— A senhora o mima — Kyros se atreve a comentar algumas semanas depois do início de minha viuvez.

— Ensinar música a uma criança não é mimar. Além do mais, gosto de passar tempo com ele.

Uma grande nuvem passa na frente do sol, apagando o brilho do verde das árvores e do gramado à nossa volta. Kyros se inclina para trás, apoiando as duas mãos no cobertor de piquenique.

— E foi assim que imaginou passar seu tempo como viúva? Dando aulas de piano para o filho de um criado?

— Certamente imaginei menos reclamações do pai da criança.

Kyros sorri.

— Mas, honestamente, está feliz?

— Mais feliz do que me lembro de já ter estado.

— Não sei muito da propriedade. Pensei que quisesse se relacionar com pessoas da sua posição. Ou convidá-las a vir aqui, pelo menos. Em vez disso, passa os dias fazendo bolos com a cozinheira, jogando cartas com os lacaios e ensinando Nico a tocar piano.

— Não é só isso. Acabei de criar um clube do livro com Damasus, Karla e Tekla. Trocamos romances antes de nos reunirmos para discuti-los.



Kyros dá risada.

— Uma duquesa que discute livros com o mordomo e as criadas.

— Pode rir se quiser, mas estou exatamente onde quero estar. Meu pai me obrigava a frequentar todos os eventos sociais, a comparecer elegante e muito arrumada a todos os bailes, a tolerar a presença de todo homem imundo. Agora passo os dias com quem quero e quando quero. Meus criados são os melhores indivíduos que já tive o prazer de conhecer. Não preciso buscar os elogios falsos das mulheres da nobreza nem a atenção indesejada dos cavalheiros. Leio quando quero. Fico ao ar livre quando desejo. Desfruto da companhia de meu cavalo, de um menino de quatro anos e, sim, do mordomo, além de todos nesta propriedade. É perfeito, e já estou providenciando a renovação do que pode ser melhorado. Agora, será que pode parar de me criticar e me deixar apreciar os confortos que conquistei com muito esforço?

— É claro, Vossa Graça.

O sorriso simpático de Kyros combina com o meu, e me reclino na maciez do cobertor xadrez. Há uma sensação de leveza em meu peito, e demoro um pouco para identificá-la.

Isso é o que uma pessoa feliz sente, percebo.

Falar o que penso e ter alguém que se interesse em me ouvir. Nenhum homem tentando mandar em mim ou me controlar. Praticar atividades que realmente aprecio. Estar com pessoas de quem gosto.

É isso. Tudo isso compensa cada dificuldade que enfrentei desde a morte de minha mãe.

Sou intocável, e isso é tão bom que me sinto quase capaz de voar.



Quando saio da propriedade, a situação é completamente diferente.

Tenho que vestir preto em público para simbolizar meu luto. Mais de um mês depois da morte do duque, uso um vestido cor de ébano com uma saia com crinolina simples e um corpete justo. Mangas compridas. Sem véu. O resultado é deprimente, mas é a aparência que devo ter quando saio de casa para resolver meus assuntos. Só mais dez meses e meio e vou poder me livrar dessa farsa também.

Estou em uma loja escolhendo velas novas para a sala de jantar, com uma fileira de lacaios atrás de mim para me ajudar com as compras, quando alguém se aproxima e para do meu lado.

– Vossa Graça?

Eu me viro e vejo Lady Evadne Petrakis, filha de um marquês, também fazendo suas compras. Frequentamos os mesmos círculos sociais, então naturalmente nos encontramos inúmeras vezes, mas eu não a chamaria de amiga. Ela é mais uma conhecida cuja presença é frequente. Não que seja fácil chamar alguém de amiga depois de ter passado sete anos escondendo do mundo meu eu verdadeiro.

– Lady Petrakis, como vai?

– Muito bem! E a senhora? Deve estar orgulhosa de sua irmã. Casar-se com o rei!

Forço um sorriso.

– O rei acabaria escolhendo alguém em algum momento. E você? Tem alguma coisa importante para me contar sobre esse tempo em que estive ausente dos eventos? Perdi muitas fofocas desde meu casamento.

– Alguns anúncios de noivado, nada importante. Nada de muito escandaloso acontece agora, com todos os novos decretos da futura rainha.

– Decretos? – Alessandra está legislando? Ela?

– Ah, sim. As mulheres não precisam esperar o casamento para manter... relações íntimas. Os pais não podem mais aceitar valores oferecidos pela mão de suas filhas. Na verdade, eles são obrigados a pagar o dote das filhas quando elas se casam com quem querem, uma parte razoável da renda anual do pai.

– O quê?

– Ah, sim. Alguns nobres ficaram bem aborrecidos, mas o rei mandou decapitar todos eles pelas ameaças que ousaram fazer contra a futura rainha. Ninguém se arrisca a sussurrar um protesto sequer contra as novas leis, depois disso.

– Quantas novas leis foram anunciadas? – pergunto.

– Perdi a conta, para ser sincera. Na última semana, ela decretou que terras e títulos devem ficar para o herdeiro mais velho, não importa o sexo. Ah, e filhas mais novas não precisam mais esperar a estreia da mais velha na sociedade para comparecerem aos eventos como quiserem.

Pisco algumas vezes, processando as palavras dela.

– E o rei permitiu tudo isso?

– Ele incentivou. O nome dele aparece ao lado do dela em cada novo decreto. O povo diz que ele está completamente enfeitiçado pela futura esposa e nunca nega nada a ela. Já a estão chamando de Rainha das Sombras.

Mais daquela mistura de raiva e amargura abre caminho dentro de mim. Alessandra deveria ser uma moeda de troca, como eu. Um jeito de meu pai quitar as dívidas e salvar suas terras. Mas ela está criando leis e conquistando o apoio de todas as mulheres da corte. Tem liberdade e felicidade... em troca de quê? O que ela sofreu? Não fez nada para *merecer* o que tem. Não como eu fiz.

Lembro-me de que agora tenho tudo que quero. Sou feliz. Só isso importa. Respiro fundo e me acalmo mais uma vez.

— Céus — Evadne reage. — Falei depressa demais? Sei que às vezes tem dificuldade com isso.

Sim, porque todos pensam que sou idiota. Eu sou a idiota, enquanto Alessandra é a monarca poderosa.

— Tudo bem — respondo. — Só fiquei um pouco atordoada. Vou pagar minhas compras, preciso ir.

— Muito bem. Foi um prazer conversar com a senhora. Aliás, vou organizar um evento dentro de alguns meses. Eu mando o convite. Qualquer parente da Rainha das Sombras é bem-vinda em minha propriedade.

— Obrigada — digo —, mas só posso comparecer a eventos depois do período de luto. O duque morreu, como deve se lembrar.

— Ah, essa foi outra coisa que a futura rainha banuiu. As mulheres não precisam mais se submeter ao período de luto. Nem usar preto. — Ela estuda meu vestido com piedade. — Tem liberdade para tomar as próprias decisões sobre o assunto, é claro, mas ninguém espera que demonstre respeito por um homem que tinha quase quatro vezes a sua idade. Bom dia, duquesa.

Quando olho para as duas longas velas em minha mão, descubro que as quebrei ao meio apertando-as entre os dedos.

Quando Lady Petrakis sai da loja, eu a sigo com o olhar. Por que não li os jornais? Como pude permitir que tudo isso me pegasse de surpresa? Quando morava com o duque, sempre usava a literatura como fuga. Fugia para a ficção, onde podia fingir que participava de grandes aventuras, ou solucionava um mistério complicado com minhas heroínas favoritas.

Perdi muita coisa. Alessandra me surpreendeu.

Não que eu jamais tenha desejado ter poder para governar alguma coisa, na verdade. Tudo o que sempre quis foi minha liberdade. Agora a tenho, mas a sinto... diminuída. É como se fosse menos valiosa quando a comparo com o que minha irmã tem.

E agora não tenho nenhuma desculpa para não comparecer ao maldito casamento.

Se eu não aparecer, ela vai saber que venceu. Que estou envergonhada ou com inveja demais para comparecer. Não posso permitir que ela pense isso.

Sério, o que foi que ela ganhou? A observação constante daqueles que governa. Uma vida de serviços prestados ao marido. Muita responsabilidade.

Estou *feliz* por não ter sido escolhida pelo Rei das Sombras. Ser uma duquesa viúva é muito melhor. Não sou como Alessandra, que é bonita, vaidosa e autocentrada. Não preciso de atenção e adulação. Tudo o que sempre quis foi sossego para comandar minha vida. Agora o tenho, então é hora de começar a exercer mais controle. Fazer mais mudanças.

Vou expandir a biblioteca. Mais livros, sim, é disso que preciso. Não tenho mais que ficar de luto? Ótimo. Muito bem. Maravilhoso.

Então não vou esperar para arranjar um amante.

Alessandra tem seu rei, um homem que logo vai se cansar de suas estratégias e tentar controlá-la, mas e se eu aparecer no casamento acompanhada por um homem? Alguém que me obedeça. Alguém que esteja ali para me agradar. Um homem muito mais bonito que Kallias Maheras.

Isso vai chamar a atenção dela.

Decidida, eu me dirijo ao caixa.

O homem atrás do balcão pede o número da minha conta. Eu o forneço, e ele verifica seus registros antes de me encarar com um sorriso forçado.

Conheço essa cara. Ele se prepara para dar uma notícia incômoda.

– Perdoe-me, Vossa Graça, mas parece que o limite de sua conta foi ultrapassado. Ainda não recebemos o pagamento da sua última encomenda.

Eu nem pisco.

– Como é possível? Ordenei que o valor fosse enviado na semana passada.

– Houve algum tipo de bloqueio do seu procurador.

Ah, é?

Não movo um músculo da face quando mando os lacaios deixarem as compras em cima do balcão.

– Eu volto logo – informo ao homem.



– Mudança de planos, Kyros. Vamos visitar Vander.

– Muito bem, Vossa Graça. – Ele me ajuda a embarcar na carruagem, e, depois de uma viagem de dez minutos, chegamos à porta do prédio onde trabalha o procurador.

— Pode entrar comigo, Kyros.

Meu amigo me acompanha, e, embora eu não precise dele para me proteger, é bom ter alguém com quem contar.

— Você vai ver um lado meu que não conhece — aviso. — Prepare-se.

— Promete ser animado.

Subo a escada do prédio, passo direto por um secretário de aparência esgotada e entro no escritório de Vander.

Ele levanta a cabeça, surpreso.

— Sr. Vander — diz o secretário, que correu atrás de mim e entrou na sala. — Sua Graça, a Duquesa de Pholios, está aqui.

— É, já percebi. Por favor, sente-se, Vossa Graça. A porta, Alasdair. — O homem magro sentado atrás da mesa ajeita os óculos.

A porta da sala é fechada. Eu me sento na cadeira sugerida, e Kyros fica em pé atrás de mim. Adoto o tom e a atitude que costumo usar ao lidar com os homens: casual e distante.

— Sr. Vander, parece que houve algum engano. Tentei fazer uma compra na loja que frequento, mas fui informada de que não poderia levar os itens que escolhi devido a um pagamento atrasado. Esqueceu de enviar o dinheiro, talvez?

O homem une os dedos sobre a mesa e olha para mim como se eu fosse um peixe que ele pescou para o jantar.

— Ah, Vossa Graça, o problema é que excedeu seu limite de gastos. Notei que promoveu várias mudanças na propriedade. Ultrapassou o valor de sua renda mensal. Adiei o pagamento para o mês que vem, e também programei uma taxa suplementar para o meu escritório a fim de cobrir os honorários que naturalmente são cobrados quando ocorre esse tipo de descuido de sua parte.

Fico em silêncio, e o homem continua:

— Não se preocupe, Vossa Graça. Matemática é uma ciência muito difícil de dominar. Um deslize ocasional é compreensível, mas estou aqui para lidar com tudo isso. Cuidarei de todos os seus assuntos, esteja certa. Talvez queira discutir um orçamento? Ou prefere que eu aprove suas compras antes de fazê-las, no futuro?

Kyros está tenso atrás de mim, como se quisesse dizer alguma coisa. Eu me levanto.

— Seu espetáculo de condescendência terminou? — pergunto, ainda em tom neutro.

Vander reage surpreso à pergunta.

- Perdoe-me se usei um tom duro demais, Vossa Graça. Só quero ajudar.
- Ajudar? Pode me ajudar a encontrar um novo procurador, então.
- Vossa... Vossa Graça?

Apoio as mãos na mesa do homem e inclino o corpo para a frente, e minha voz se torna incisiva como uma faca.

– Diga-me, Vander, sua esposa sabe dos clubes que você frequenta à noite?

Ele olha para mim chocado.

– O que está...

– E da mulher que mantém na Sixth Street? Sabe quem é, aquela que você visita fim de semana sim, outro não, quando diz estar fora da cidade atendendo um cliente rico.

– Como você...

– Vamos ver se consegue solucionar esta equação matemática: se pegar sua esposa e somar a informação que pretendo dar a ela, qual será o resultado?

Ele se cala, finalmente.

– Tente esta, então: se subtraio meus negócios do seu escritório e uso minha considerável influência como *duquesa* para convencer o resto da nobreza a levar seus negócios para outro profissional, qual será o resultado?

Seu rosto fica pálido.

– Pensou que eu fosse um alvo fácil? A pobre e simplória viúva recente, sobrecarregada com o peso da nova responsabilidade? Minha renda mensal humilharia o *Rei das Sombras*, e você acha que gastei demais reformando a propriedade? Posso comprar dezenas de propriedades com meus rendimentos. Examinei os livros contábeis, os lucros do ducado e os gastos habituais de Pholios. E ainda tem os novos investimentos que lhe mandei providenciar, que quase *duplicaram* a renda do patrimônio. Ou pensou que eu não os examinaria?

“E você? Você não vai me dizer o que fazer com o meu dinheiro. Pholios está morto. Toda a fortuna e os negócios dele agora são *meus*. Você vai providenciar o pagamento devido à loja agora. E vai enviar uma generosa quantia extra para compensar o erro, e esse valor vai sair da *sua* conta. Não da minha. Isso não vai mais acontecer. Não quero ser forçada a voltar a este escritório miserável para colocá-lo em seu lugar. Se desviar um único neco no futuro, não vai gostar das consequências. Entendeu?”

O silêncio é tão denso que consigo ouvir quando Vander engole em seco.

— Entendi.

— *Vossa Graça.*

— Entendi, Vossa Graça.

— Ótimo. Espero que seja um longo e lucrativo relacionamento para nós dois. Bom dia, sr. Vander.

Kyros abre a porta da sala, e eu saio sem olhar para trás.

Ele só se manifesta quando estamos do lado de fora.

— Senti vontade de aplaudir.

Olho para ele e sorrio. Depois me curvo como se tivesse encerrado uma grande apresentação e agradecesse ao público que me aplaudiu de pé.

— Realmente, é um lado diferente seu — Kyros continua. — Sensacional.

Nunca corei na presença de um homem, mas nunca tinha sido elogiada por alguma coisa importante. É bem inebriante.

Antes que eu possa responder, Kyros pergunta:

— Por que vai manter seus negócios no escritório dele? Por que não cumpre a ameaça que fez?

— Porque agora o coloquei no lugar dele. Vander não vai tentar tirar proveito de mim novamente. Além do mais, qualquer novo procurador que eu contratar vai tentar a mesma coisa. E vou ter que passar por isso de novo.

— E como conseguiu todas essas informações? Sobre a amante dele e os clubes noturnos?

— Ele fez uma piadinha sobre isso com Pholios quando estávamos tratando dos papéis para o acordo nupcial.

— E se esqueceu de sua presença?

— Ele achou que eu fosse irrelevante.

— Como isso é possível?

Caminho até a carruagem, e Kyros abre a porta.

— Bem, foi isso que eu quis que ele pensasse.

Ele balança a cabeça quando entro no veículo.

— É o que quer que eu pense?

— Que sou sua empregadora muito capaz.

— Eu já sabia disso — ele diz antes de fechar a porta.